

A POLÍTICA EXTERNA DO SULTANATO DE OMÃ PARA A CRISE DO IÊMEN: FUNDAMENTOS E LIMITAÇÕES

Khamis bin Ali Al-Sunaidi¹
Sahar Tarawneh²
Kamis Snidi³

Introdução

Desde o início da guerra no Iêmen em 2015, o Sultanato de Omã tem feito questão de aderir a uma política de neutralidade e absteve-se da opção de se envolver em qualquer ação militar, convencido da futilidade dessa opção e de sua incapacidade de resolver e mudar a realidade em campo. Em vez disso, a convicção de Omã foi direcionada para a opção de diálogo e a ativação de canais de negociação e comunicação diplomática, que é o que o Sultanato tem dedicado a sua política no Iêmen, tendendo a desempenhar o papel de mediador entre as partes em conflito.

Com a escalada da guerra no Iêmen, o Sultanato de Omã aderiu à sua posição neutra com a busca pela neutralidade positiva, ativando e exercendo o papel de mediação, papel que se alinhava com as premissas e princípios de sua política externa, e para o qual tinha várias qualificações. No entanto, outros fatores, tais como a natureza da crise e do conflito no Iêmen e o contínuo endurecimento das posições, continuaram sendo um obstáculo ao desenvolvimento da mediação e ao alcance de um acordo abrangente.

1 Pesquisador do Sultanato de Omã, possui mestrado em ciência política, Omã.

2 Professora Assistente na Middle East University, Amã, Jordânia.

3 Middle East University, Amã, Jordânia.

Perguntas de Pesquisa

1. Qual é o papel do Sultanato de Omã na crise iemenita?;
2. Quais são os fatores mais importantes que contribuem para que o Sultanato desempenhe o papel que desempenha na crise iemenita?;
3. Quais são os principais obstáculos e limitações que impedem o Sultanato de cumprir o papel que desempenha na crise iemenita?

Problema de Pesquisa

O problema da pesquisa está na diferença entre a política externa do Sultanato de Omã frente à crise no Iêmen e às políticas com outros países da região, especialmente os países do Conselho de Cooperação do Golfo, e no fato de o Sultanato ter uma política e um papel importante na crise iemenita, apesar de não estar envolvido na crise apoiando das suas partes locais.

Objetivo de Pesquisa

Esta pesquisa tem como objetivo:

1. Definir o papel do Sultanato de Omã na crise iemenita;
2. Identificar os fatores mais importantes que contribuem com que o Sultanato desempenhe o papel que desempenha na crise iemenita;
3. Alcançar os obstáculos e limitações mais proeminentes que impedem o Sultanato de cumprir o papel que desempenha na crise iemenita.

Hipótese

O estudo partiu da hipótese de que existe um papel efetivo e importante desempenhado pelo Sultanato de Omã na crise iemenita, que se exerce mediante as posições e decisões de política externa que tem encarregado para a crise no seu vizinho Iêmen, especificamente desde a eclosão da guerra em 2015.

Importância da Pesquisa

A importância do estudo decorre do fato de tratar de um modelo único de comportamento de política externa na região árabe e no Oriente Médio, que é o de não se envolver em conflitos e, em vez disso, desempenhar o papel de mediador, em uma região repleta de conflitos. É um modelo importante para estudar os fundamentos, processo de tomada de decisão da política externa e a resposta às crises contemporâneas, especialmente no Oriente Médio, de modo que esta pesquisa pode fornecer um modelo analítico que aumente a possibilidade de desenvolver e disseminar tal resposta na região, para servir aos objetivos de alcançar a estabilidade regional.

Momento e Local

- Momento: Desde a eclosão da guerra no Iêmen, em março de 2015, até a data de elaboração deste estudo, em junho de 2021.
- Local: República do Iêmen e Sultanato de Omã.

Metodologia

Esta pesquisa contou com duas abordagens:

- Abordagem da Tomada de Decisão
Essa abordagem baseia-se em considerar que há uma categoria da classe dominante no Estado, à qual é concedida a autorização costumeira e legal para exercer a função de tomar decisões de política externa, uma vez que essa categoria toma decisões de acordo com o que julga necessário para alcançar os interesses e objetivos do Estado, em nome do resto do povo (Al-Fadl 2013, 17).
- Abordagem Analítica Descritiva
Essa abordagem é baseada na descrição dos fenômenos estudados e observações desde seu início, portanto essa descrição é objetiva e longe de impressões. E, então, transiciona-se para a fase de análise, que inclui as etapas de desconstrução, síntese, classificação e avaliação, até a conclusão dos resultados e generalizações com base na indução total (Saltaniya e Al-Jilani 2012, 132).

As Prioridades do Sultanato de Omã no Iêmen

O Sultanato de Omã é diretamente afetado pela evolução da situação no Iêmen devido ao seu contato geográfico, já que os dois países compartilham fronteiras que se estendem por 288 km, o que significa para o Sultanato que a crise no Iêmen está relacionada à sua segurança. A possibilidade de disseminação de organizações extremistas representa um perigo e uma ameaça direta ao Sultanato, o que, conseqüentemente, reforça os esforços de Omã e enfatiza a necessidade de alcançar uma solução e um acordo final que restaure a estabilidade no Iêmen (Al-Barhawi 2018, 137).

As preocupações securitárias omanis cresceram com o aumento da atividade da “Al-Qaeda na Península Arábica” no sul do Iêmen desde sua fundação em 2009. Especialmente depois que a organização conseguiu, em janeiro de 2016, controlar a cidade de Mukalla, capital da província de Hadramaute, quando o Sultanato rapidamente fechou suas passagens fronteiriças com o Iêmen (Mazoz 2018, 4).

Omã está interessado em alcançar uma solução pacífica para a crise no Iêmen também por motivos econômicos, já que o volume de trocas comerciais com o Iêmen atingiu, em 2010, 38 bilhões e 124 milhões de riais iemenitas, e o saldo foi favorável para o Sultanato, já que o valor das importações elevaram-se para o Iêmen, totalizando 34 bilhões e 796 milhões de riais iemenitas (Saudi News Agency 2020).

Após a eclosão da guerra no Iêmen, o intercâmbio comercial entre os dois países foi interrompido e as operações comerciais com o Sultanato permaneceram limitadas ao nível da província de Al-Mahra no leste do Iêmen. Portanto, Omã está firmemente convencido da necessidade de devolver a estabilidade ao Iêmen a fim de melhorar novamente os níveis de intercâmbio comercial, especialmente devido ao seu fortalecimento a partir de seus planos econômicos visando diversificar suas fontes de renda.

Além disso, o Sultanato de Omã é afetado pela localização do Iêmen, que perpassa importantes vias navegáveis, desde o Mar Arábico e o Golfo de Áden até o Estreito de Bab-el-Mandeb, que são importantes corredores para o movimento do petróleo e do comércio global. Isso significa que a continuação das tensões no Iêmen leva a mais ameaças à navegação por esses corredores e, portanto, ao potencial de impactos diretos na economia de Omã, uma vez que a economia do Sultanato ainda é largamente dependente do petróleo e, de acordo com os dados, as suas exportações deste constituem 50% do PIB do país (Al-Amri 2021, 17).

A Evolução da Posição de Omã sobre a Crise Iemenita

Imparcialidade

Em 25 de março de 2015, as operações militares lideradas pela Arábia Saudita começaram no Iêmen, com a participação dos países do Conselho de Cooperação do Golfo, com exceção do Sultanato de Omã. O Sultanato optou por não participar das operações desde o início, dado que viu na guerra um conflito armado custoso em todos os níveis, com a apreciação de sua futilidade e sua incapacidade de mudar decisivamente seu curso em solo (Hizam 2017, 65).

O Sultanato de Omã teve vários motivos para a decisão de permanecer neutro e não se envolver no conflito armado, sendo o mais importante as relações e interesses que mantém com seu vizinho oriental, o Irã, considerado uma das partes mais presentes e influentes na crise, por meio do apoio aos seus aliados do grupo Ansar Allah (Houthis). O Sultanato mantém se relacionando e se equilibrando com o Irã, o que se deve a vários fatores dos quais os mais importantes são relacionados a considerações de proximidade, vigilância e gestão conjunta dos dois países para o estratégico Estreito de Ormuz (Jargon 2016, 150).

Além disso, as constantes e os princípios da política externa de Omã por quase quatro décadas enfatizam a adesão aos preceitos da intervenção não armada e da preferência pelo diálogo e pelas soluções pacíficas, por meio de canais e métodos diplomáticos. Além disso, o Sultanato não encontrou justificativas suficientes para entrar na aliança militar. Da perspectiva de Omã, nenhum dos Estados do Golfo foi diretamente ameaçado – naquela época – para que se exigisse o estabelecimento dessa aliança. Não encontrou na guerra do Iêmen um modelo semelhante, por exemplo, ao que o Kuwait foi submetido a partir da invasão pelo Iraque em 1990, uma vez que as avaliações do Sultanato sobre a crise no Iêmen foram de um conflito civil regido por conflitos regionais, em que prefere distanciar-se do envolvimento.

Papel Mediador

À medida que a guerra corria no Iêmen, o Sultanato de Omã começou a tomar medidas para acalmar o conflito em curso, atuando inclusive com um papel humanitário por meio de concessão de vistos de trânsito iemenitas por suas terras, abrindo suas portas para centenas de feridos e auxiliando iemenitas a chegar a outros países através de suas terras e espaço aéreo. Devido

a isso, o Sultanato começou a ganhar crédito e aceitação entre segmentos crescentes de iemenitas, independentemente de suas orientações e posições, o que lhe permitiu ter mais elementos para desempenhar um papel mediador para acabar com a guerra. Isso foi reforçado ao considerar que Omã não tem ambições no Iêmen ou interesses e posições que favoreçam uma das partes em detrimento da outra, mas, sim, busca primeiro manter a estabilidade no Iêmen (Day e Brehony 2020, 175).

Em maio de 2015, enquanto o enviado das Nações Unidas ao Iêmen, Ismail Ould Cheikh Ahmed, mantinha conversas entre as partes do conflito no Iêmen para preparar o caminho para as negociações em Genebra, negociações começaram na capital de Omã, Mascate, entre os houthis e o lado norte-americano, no início dos esforços internacionais para implementar a Resolução do Conselho de Segurança no 2216, emitida em 14 de abril de 2015, que estipulava a retirada dos Houthis de Sana'a e das cidades que tomaram em 2014 (Atef 2019, 2).

Depois que a delegação Houthi retornou da conferência em Genebra, dirigiu-se diretamente à capital de Omã, Mascate, para retomar as negociações, e lá se encontrou com o ex-ministro das Relações Exteriores de Omã, Yousef bin Alawi, e discutiu as razões do fracasso das negociações de Genebra e formas de parar o conflito armado. Desde então, o papel de mediação de Omã começou a emergir, pois busca aproximar as partes iemenitas a fim de alcançar uma solução política final para a crise e poupar o país do custo de continuar os embates (Atef 2019, 3).

Com a constatação de que a campanha militar lançada pela coalizão árabe no Iêmen estagnou e percebendo sua incapacidade de alcançar resultados tangíveis em solo – além de impedir os esforços para avançar no caminho de uma solução política – a posição saudita começou a mudar, com o surgimento do interesse saudita de manter um canal de comunicação com os Houthis. O lado saudita encontrou uma oportunidade nas relações estabelecidas pelo Sultanato de Omã com os Houthis, e essa nova tendência foi rapidamente incorporada por Mascate, sediando negociações secretas entre a Arábia Saudita e os Houthis em março de 2016. Assim, o papel de Omã na mediação começou a ganhar mais importância e as conversas começaram a ser repetidas, sendo sediadas em Mascate (Albasoos e Maashani 2020, 159).

Em novembro de 2016, Mascate sediou, pela segunda vez, reuniões entre oficiais Houthis e dos EUA. A delegação dos EUA foi liderada pelo ex-secretário de Estado dos EUA, John Kerry. Em fevereiro de 2018, Mascate sediou uma reunião que reuniu representantes dos Houthis e autoridades dos EUA, que é o terceiro encontro entre as duas partes em Mascate, transformando assim a capital de Omã em um importante centro de reuniões

entre as partes do conflito iemenita, por um lado, e os enviados internacionais, por outro (Albasoos e Maashani 2020, 160).

A assinatura do Acordo de Estocolmo, em dezembro de 2018, estipulou a suspensão dos combates na cidade de Al-Hodeidah – além da entrada de ajuda humanitária por meio de seu porto – e um apelo para o término do cerco Houthi à cidade de Taiz. Então, com o resultado do acordo não sendo implementado, em março de 2019, Mascate sediou uma reunião entre o Ministro das Relações Exteriores britânico, Jeremy Hunt, com proeminentes líderes Houthis, para discutir a implementação do Acordo de Estocolmo, em um esforço britânico de dar suporte aos esforços do enviado internacional britânico, Martin Griffiths, para fazer avançar os esforços de paz no Iêmen (Day e Brehony 2020, 176).

Durante o ano de 2020, o enviado da ONU, Martin Griffiths, intensificou suas visitas e contatos com autoridades de Omã. Em 25 de outubro de 2020, Griffiths se reuniu com o ministro das Relações Exteriores de Omã, Badr al-Busaidi, com o objetivo de discutir as negociações em andamento sobre a declaração conjunta de apoio ao processo político no Iêmen. Isso coincidiu com o papel ativo do Sultanato, em meados de outubro de 2020, representado no sucesso na obtenção da libertação de dois cidadãos americanos que foram detidos pelos Houthis e na devolução do corpo de um cidadão americano aos Estados Unidos após sua morte em cativeiro, em troca do retorno de cerca de duzentos Houthis feridos que estavam retidos em Omã (Al Sunaidi 2021, 67).

Em 2021, com a chegada de um novo governo dos EUA, liderado pelo presidente democrata Joe Biden, declarações sobre a necessidade de parar a guerra no Iêmen e impedir a venda de armas aos países da coalizão árabe foram feitas. Em março de 2021, a Arábia Saudita apresentou uma proposta de cessar-fogo, coincidindo com a realização de um encontro direto entre enviados dos EUA e uma delegação Houthi na capital omani, Mascate, que deu um novo impulso aos esforços das conversações patrocinadas e sediadas pelo Sultanato, apesar do contínuo cambalear das negociações para chegar a uma fórmula final de acordo. Por causa da relutância de cada parte em ceder à outra, os Houthis continuaram a insistir na necessidade de suspender o bloqueio naval e aéreo do Iêmen, enquanto o lado saudita temia que tal passo levasse ao fortalecimento da posição dos Houthis e ao apoio com mais armas e equipamentos dos iranianos (France 24, 2021).

Em 30 de março de 2021, o Sultanato anunciou que estava trabalhando, em parceria com a Arábia Saudita, para chegar a uma solução abrangente da crise iemenita, já que a Arábia Saudita começou a mostrar maior flexibilidade no caminho da solução. Isso foi resultado de sua relutância em confiar na solidez das forças legítimas na frente de Marib, especialmente após a escalada

dos ataques Houthis contra a cidade, com a percepção de que a derrota em Marib seria uma ruptura da coalizão liderada pelos sauditas no Iêmen. Somase o impacto dos ataques Houthis à profundidade saudita e a incapacidade da Arábia Saudita de oferecer ações da Aramco para venda devido ao bombardeio Houthis de suas instalações.

Com essas mudanças no nível de posicionamentos, Mascate se transformou em um centro de intensas visitas de representantes dos EUA e da Arábia Saudita aos Houthis, incluindo uma visita do ministro das Relações Exteriores saudita, Faisal bin Farhan, a Omã em 2 de maio de 2021, bem como a visita do enviado dos EUA ao Iêmen, Timothy Lenderking, e do enviado da ONU Martin Griffiths (Emirates Policy Center 2021, 3).

As conversações tentaram separar a vertente humanitária da política. Eles se concentraram em garantir o acesso humanitário regular e desimpedido a todas as partes do Iêmen, incluindo a abertura do aeroporto de Sana'a e do porto de Hodeidah, além de apoiar um cessar-fogo permanente, preparar a transição das partes para negociações políticas e fornecer garantias em matéria de indenização e reconstrução (Emirates Policy Center 2021, 4).

Enquanto o lado Houthis se concentrou na necessidade de um cessar-fogo abrangente e na reabertura incondicional do aeroporto de Sana'a e do porto de Hodeidah, por outro lado, o governo iemenita e a coalizão liderada pela Arábia Saudita rejeitam a condição Houthis, considerando que o término da interdição do aeroporto de Sana'a e o porto de Hodeidah permitirá o fluxo de armas do Irã para os Houthis, com a Arábia Saudita intensificando sua exigência de que os Houthis se comprometam primeiro a interromper o ataque a Marib. Como resultado desse endurecimento de ambos os lados, em junho de 2021, as negociações foram novamente declaradas um fracasso.

Assim, constatamos que desde a eclosão da guerra, o Sultanato de Omã tem desempenhado um papel fundamental de facilitador para apoiar os esforços de diálogo e ativar canais de comunicação, comprometendo-se a desempenhar o papel de mediador, apoiando medidas de construção de confiança e trazendo diferentes pontos de vista em conjunto, a fim de servir o propósito de alcançar um acordo abrangente que alcance a paz e a estabilidade no Iêmen. O Sultanato tornou possível desempenhar este papel, mantendo relações com as diversas partes da crise, incluindo os Houthis, além de suas boas relações com o Irã, o que lhe permitiu manter uma posição intermediária que lhe permitiu envolver-se no processo político para contribuir para a solução da crise.

Por causa do bloqueio imposto ao aeroporto de Sana'a, os voos através do território do Omã tornaram-se a única saída para os Houthis, e Mascate tornou-se o único destino para os negociadores das outras partes

se encontrarem com representantes do lado Houthi. O Sultanato de Omã conseguiu chegar a acordos que contribuíram para mitigar a crise, bem como libertar muitos detidos pelos Houthis, além do papel humanitário de tratar os feridos, além de apoiar os esforços das Nações Unidas para um cessar-fogo em Hodeidah (Acordo de Estocolmo), organizando sessões de diálogo paralelas.

Pilares e Limitações do Papel de Omã no Iêmen

A Confiança no Papel de Omã

A retirada da opção de solução militar pela aliança saudita-emirática foi um fator importante por trás do aumento da mediação omani e da crescente dependência de seu papel para chegar a uma solução final da crise iemenita, um papel que veio a pedido dos Estados Unidos e da Arábia Saudita, e devido às boas-vindas e confiança dos Houthis, que mantiveram a credibilidade para o papel mediador de Omã. Isso permitiu ao Sultanato obter um consenso iemenita, regional e internacional para desempenhar esse papel, especialmente com o fracasso contínuo das negociações internacionais e a oscilação dos seus esforços para chegar a um acordo.

Dado que Omã manteve relações normais com os Houthis desde o início da guerra e não se importa que os Houthis se tornem um partido político legítimo no futuro pós-guerra do Iêmen, eles são os principais defensores da expansão do papel de Omã na crise iemenita. A confiança em Omã se reflete na insistência de oficiais de alto escalão Houthi usarem de aeronaves de Omã para fins diplomáticos (Al-Maslami 2017, 2).

Omã também é visto como um mediador eficaz por figuras proeminentes do governo do presidente iemenita Abd Rabbu Mansour Hadi, devido ao histórico persistente de negociações com os Houthis. Essa confiança é reforçada, porque o Sultanato sempre considerou que a tomada Houthi de Sana'a foi um ato ilegítimo e deve ser retirada de acordo com a Resolução 2216 da ONU, além da rejeição do Sultanato aos planos de dividir o Iêmen.

Limitações do Papel de Omã

Em contraste com o apoio Houthi e o de membros do governo do presidente Abd Rabbu Mansour Hadi para os esforços de mediação do Sultanato de Omã, o Conselho de Transição do Sul, apoiado pelos Emirados

Árabes Unidos, tem encarado o papel de Omã com menos entusiasmo, especialmente à luz da posição de Omã que apoia a unidade do Iêmen, ao contrário das demandas do conselho separatista.

O Sultanato não mostra nenhuma espécie de aprovação sobre a independência do sul do Iêmen, porque teme que isso cause o estabelecimento de um Estado aliado aos Emirados Árabes Unidos em suas fronteiras. Em 19 de fevereiro de 2019, o ex-ministro das Relações Exteriores de Omã, Yusuf bin Alawi, admitiu que o Sultanato de Omã não concorda com a política dos Emirados Árabes Unidos em relação ao Iêmen, porque Mascate, como ele disse, “não gosta de alimentar guerras e conflitos”. No entanto, qualquer tendência do Sultanato de aceitar uma forma de autonomia no sul do Iêmen como a última solução para a crise e a garantia da estabilidade pode contribuir para mudar a posição do Conselho (Albasoos e Maashani 2020, 163).

A Arábia Saudita e os Emirados Árabes Unidos também compartilham das ressalvas do Conselho de Transição sobre os esforços de mediação praticados pelo Sultanato de Omã, e parte do motivo de seu ceticismo sobre o papel de Omã se deve à estreita relação do Sultanato com o Irã, que apareceu, nas alegações divulgadas pela mídia saudita e emirática, mediante a transferências de armas para os Houthis através dos territórios do Sultanato de Omã.

As tensões entre Omã e a aliança saudita-emirática limitam a eficácia do papel de mediação de Omã no Iêmen. Dado que muitas das principais partes no Iêmen, lideradas pelo “governo Hadi” e pelo “Conselho de Transição Sul”, recebem várias formas de apoio tanto da Arábia Saudita quanto dos Emirados Árabes Unidos, enquanto sua relação com o Sultanato permanece em um nível muito inferior. Portanto, quaisquer posições adotadas pela Arábia Saudita ou pelos Emirados Árabes Unidos do Sultanato limitam a capacidade dessas partes de avançar nas negociações de paz mediadas pelo Sultanato de Omã.

Considerações Finais

O Sultanato de Omã viu o conflito violento no Iêmen como uma crise interna em primeiro lugar, na qual intervieram partes externas regionais. Por isso, preferiu manter sua posição intermediária na política da região e preferiu se distanciar da polarização e dos conflitos regionais, especialmente com a percepção de que a intervenção militar não levaria à solução do conflito. Iria agravá-la e gerar más consequências em nível humanitário, o que foi comprovado pelo desenrolar dos acontecimentos mais de seis anos após o

início das operações militares em março de 2015.

A política do Sultanato em relação à crise no Iêmen estava comprometida com os princípios e direções da política externa de Omã que aderem aos princípios do diálogo, do papel da mediação e da resolução pacífica de conflitos. O Sultanato conseguiu desempenhar um papel mediador graças à confiança que conquistou das partes durante a crise, especialmente do lado Houthi, que enfrenta um estado de quase estranhamento e isolamento internacional. No entanto, o Sultanato tem influência limitada sobre as partes da crise devido à sua falta de envolvimento no conflito como protagonista, ao não apoiar uma das partes do conflito local no Iêmen e não ter ambições expansionistas no Iêmen. Assim, o seu papel limitou-se a adotar o diálogo e a gerir e manter os canais de comunicação, não tendo chegado a um ponto de intervenção decisiva no processo de resolução ou que leve à sua realização e concretização no menor tempo possível.

À luz de responder às perguntas de pesquisa, o estudo obteve várias conclusões:

1. O Sultanato de Omã investiu sua neutralidade política e sua diplomacia de moderação para ativar canais de diálogo e diplomacia para acabar com os combates que ocorrem no Iêmen há mais de seis anos, e seus esforços incluíram trabalhar para superar a lacuna entre as partes da crise. Além disso, o Sultanato desempenhou um papel humanitário em benefício do povo iemenita, recebendo os feridos e apoiando os esforços para abrir corredores humanitários;
2. O papel do Sultanato de Omã no caso iemenita surgiu notavelmente desde 2016, depois de ter sido em 2015 apenas uma estação de translado para o movimento Houthi antes de ter um papel na apresentação de iniciativas para acabar com a guerra no Iêmen, que surgiu especificamente com as negociações secretas organizadas por Mascate entre a Arábia Saudita e os Houthis em março. Março do ano de 2016 coincidiu com o início da percepção da coalizão do fracasso em apostar apenas na opção militar para resolver a crise;
3. Apesar da dificuldade do caso iemenita, o Sultanato de Omã continua mais qualificado do que outros Estados para desempenhar o papel de mediador neutro, e isso é reforçado pelo fato de o Sultanato não ser uma parte no conflito no Iêmen, como é o caso de outros atores regionais e internacionais;
4. O Sultanato manteve um bom relacionamento com as partes do conflito no Iêmen, especialmente com os Houthis. Portanto,

- cabe ao povo do Sultanato recorrer por ele para clamar para os americanos, para as Nações Unidas e para a Arábia Saudita que desempenhe um papel mediador com os Houthis;
5. O declínio da escolha na opção militar foi um fator preponderante para o surgimento da mediação omani, que veio com a aceitação e aprovação das potências e dos atores internacionais e regionais, liderados pelas Nações Unidas, Estados Unidos da América e Arábia Saudita, bem como a acolhida aos Houthis, que mantiveram sua confiança na mediação de Omã;
 6. Apesar dos esforços feitos para mediar e promover a roda de diálogo, ainda se está longe de falar sobre uma solução para a crise no Iêmen, o que se deve principalmente à falta de consenso das partes locais e regionais e de vontade dessas de fazer as concessões necessárias, especialmente à luz da transformação do caso iemenita em um cenário de pressão a ser utilizado na luta pelo poder entre as potências regionais;
 7. Para o sucesso da mediação de Omã, está relacionada a realização de fatores como, principalmente, a maior flexibilidade das partes envolvidas na crise, com cada uma delas cumprindo suas obrigações mediante os contratos e acordos.

REFERÊNCIAS

- Al Sunaidi, Khamis bin Ali. 2021. An unpublished *master's thesis* entitled “The Foreign Policy of the Sultanate of Oman towards the Yemeni Crisis (2015-2021)”. Jordan - Amman: University of the Middle East.
- Al-Amri, Khaled, et al. 2021. *A reading of the general budget for the fiscal year 2021*. First edition. Sultanate of Oman - Muscat: Oman Economic Association.
- Al-Barhawi, Raad. 2018. *Omani policy toward Iran during the reign of Sultan Qaboos (1970 - 2017)*. first edition. Jordan - Amman: Degla House.
- Albasoos, Hani, Maashani, Musallam. 2020. “Oman’s Diplomacy Strategy: Maneuvering Tools to Face Regional Challenges”. *International Journal of Research in Business and Social Science*. Vol (9). No (2). Pp: 152-163.
- Al-Fadl, Muayad. 2013. *Decision-making theories: a quantitative approach*. first edition. Jordan - Amman: Curriculum House for Publishing and

Distribution.

- Al-Maslami, Farea. 2017. *The lady of middle politics*. Lebanon - Beirut: Carnegie Middle East Center (paper published on the center's website: <https://carnegie-mec.org/>).
- Atef, Ahmed. 2019. *Why are negotiations to resolve the Yemeni crisis falter?* United Arab Emirates - Abu Dhabi: The Future Center for Studies (study published on the center's website: <https://futureuae.com/>).
- Day, Stephen W., Brehony, Noel (Eds.). 2020. *Global, Regional, and Local Dynamics in the Yemen Crisis*. First edition. Austria - Wien: Springer Nature.
- Emirates Policy Center. 2021. *The Omani delegation's visit to Sana'a and the prospects for peace in Yemen*. Emirates - Abu Dhabi: Emirates Policy Center (paper published on the center's website: <https://epc.ae/>).
- France 24, 3/28/2021. *Why do the Houthis reject the "outstretched hand" of Saudi Arabia?* Website link: <https://www.france24.com/>. Date of visit: 23/6/2021.
- Hizam, Adnan. 2017. The Yemeni crisis: the status quo and future indicators. *Journal of Middle Eastern Studies*. year (21). Issue (97). pp.: 61-96. Jordan - Amman: Center for Middle Eastern Studies.
- Jargon, Arafat Ali. 2016. *Iranian-Gulf relations: conflict, detente, tension*. first edition. Egypt - Cairo: Dar Al Arabi for Publishing and Distribution.
- Mazuz, Abdelghani. 2018. *Al-Qaeda in the Arabian Peninsula: Structure and Strategy*. Egypt - Cairo: The Egyptian Institute for Studies (study published on the center's website: <https://eipss-eg.org/>).
- Saltaniya, Belkacem, and Al-Jilani, Hassan. 2012. *Main Methodologies in Social Research*. first edition. Egypt - Cairo: Dar Al-Fajr for Publishing and Distribution.
- Saudi Press Agency, August 29, 2020. *Economic / Yemen and Oman / Trade exchange*. Website link: <https://www.spa.gov.sa/>. Date of visit: 22/6/2021.

RESUMO

O estudo começou com as perguntas: Qual é o papel desempenhado pelo Sultanato de Omã na crise iemenita? Quais são os fatores auxiliares mais importantes e os obstáculos mais proeminentes para o desempenho desse papel? O problema do estudo foi a diferença entre a política externa do Sultanato de Omã frente à crise no Iêmen e às políticas de outros países da região, especialmente os países do Conselho de Cooperação do Golfo. O estudo adotou a hipótese de que o Sultanato de Omã desempenha um papel efetivo e importante na crise iemenita, que o desempenha por meio das posições e decisões de política externa com as quais se comprometeu diante da crise em seu vizinho Iêmen. O estudo adotou tanto a abordagem da tomada de decisão quanto a abordagem analítica descritiva. O estudo analisou as prioridades do Sultanato de Omã no Iêmen, os desenvolvimentos de sua posição na crise iemenita e os componentes e determinantes do papel de Omã no Iêmen. O estudo concluiu uma série de resultados, dos quais o mais importante é que o Sultanato de Omã investiu sua neutralidade política e diplomacia de moderação para ativar canais de diálogo e diplomacia a fim de acabar com os combates em curso no Iêmen e que, apesar da dificuldade do caso iemenita, o Sultanato de Omã continua mais qualificado do que outros para desempenhar o papel de mediador neutro. Isso é reforçado pelo fato de que o Sultanato não é parte do conflito no Iêmen, como é o caso de outras partes regionais e internacionais.

PALAVRAS-CHAVE

Iêmen; Sultanato de Omã; Crise Iemenita; Política Externa de Omã.

*Recebido em 22 de julho de 2021
Aprovado em 03 de junho de 2022*

Traduzido por Felipe Werner Samuel